



PASQUIM FEMINISTA

INFORMATIVO LIBERTÁRIO ROSA GOMES

ANO VI

PASQUIM FEMINISTA
Publicação da
COLETIVA FEMINISTA GSEX
ANO VI- N°3

Data de fechamento: 31/03/2025

Maria Meire de Carvalho
Coordenadora do projeto

Ana Gabriela Colantoni

Revisoras do projeto

Ana Carola Cavalcante

Design e Diagramação gráfica



CARTA ABERTA ÀS MULHERES

por: Cristiane Geronimo Poiure - mulher indígena do povo Kurá Bakairi, professora, estudante da UFG e interlocutora cultural.

Eu, Cristiane Geronimo Poiure, mulher indígena do povo Kurá Bakairi, moro na Aldeia Central Pakuera, intitulado como Capital dos Bakairi, município de Paranatinga- MT. Escrevo esta carta para todas as mulheres que, assim como eu, carregam sonhos, lutas e uma força que muitas vezes o mundo tenta silenciar.

Sou filha de Jeremias Poiure e Jacy Pukanlo Poiure, que me ensinaram desde cedo a nunca abaixar a cabeça diante das dificuldades. Cresci na minha aldeia e estudei aqui também em uma escola bilingue, aprendi a valorizar minha língua, minha cultura e minha identidade. Logo que conclui a educação básica, parti para fazer uma faculdade, prestei vestibular e passei na área de licenciatura plena em pedagogia, me formei professora, me graduei, fiz pós-graduação na área de educação infantil, e sigo estudando. Atualmente estudo Licenciatura Intercultural Indígena, na Universidade Federal de Goiás (UFG), porque acredito que o conhecimento também é uma forma de resistência.

Hoje atuo na minha comunidade, na educação e na organização cultural, e também represento mulheres do meu povo. Em cada reunião, reforço uma pauta que considero essencial: a autonomia feminina. Mulher, você não nasceu para depender. Você não nasceu para ser silenciada. Você não nasceu para viver à sombra de ninguém.

Já passou o tempo em que precisávamos pedir permissão para existir. Temos direito de ir e vir, de estudar, de trabalhar, de escolher ficar ou partir, de amar ou de estar sozinha. Temos direito de ocupar espaços de decisão e de exercer nosso poder de fala.

Eu sou uma mulher solteira, independente, sem filhos, e faço minhas próprias escolhas. Isso não me diminui, isso me fortalece. Minha liberdade é uma conquista, e cada passo que dou é também um passo pelas que vieram antes de mim e pelas que ainda virão. Ser mulher é carregar coragem no peito. Ser mulher indígena é carregar também a força da ancestralidade. Por isso, deixo aqui meu recado:

Respeite seu corpo.

Respeite sua vontade.

Não aceite que diminuam seus sonhos.

Não permita que silenciem sua voz.

Você é capaz de fazer e ser o que quiser.

Levante-se. Posicione-se.

Brilhe.

Com força, identidade e orgulho.



Red Pill": misoginia e os discursos de ódio contra meninas/mulheres/mulheridades

por: Maria Meire de Carvalho

Não é algo novo ou inédito falar dos discursos de ódio contra as mulheres no mundo, essas narrativas atravessam gerações e são sustentadas por uma estrutura patriarcal sócio/cultural que historicamente violentou e silenciou as mulheres. Mas, na atualidade estamos vendo uma intensificação dos discursos, dentre eles, o denominado "Red Pill", movimento de homens que disparam discursos misóginos; esses discursos têm ganhado uma nova roupagem nas redes sociais; a terminologia passou a ser associada a comunidades online que estimulam hierarquias de gênero e ódio às mulheres.

A expressão "Red Pill" tem origem no filme "Matrix" (1999), em que o protagonista recebe a opção de tomar uma pílula vermelha para enxergar a "verdade" do mundo.

Grupos de homens na internet, apropriaram-se desse termo e formaram comunidades masculinas, machosfera ou manosfera e usam o termo como símbolo de um suposto despertar sobre as dinâmicas de poder sobre as mulheres, com hostilidades violentas. Temos ciência de que eles não criaram esses discursos do zero, mas suas falas são legitimadas, encorajadas, alimentadas e disseminadas por comportamento que alimentam e encorajam os homens a colocarem ainda mais a vida das mulheres em risco constante.

A definição legal de "misoginia" se refere à uma "conduta que manifesta ódio ou aversão às mulheres, baseada na crença da supremacia do masculino".

Dessa maneira, falamos da misoginia disfarçada de opinião, de liberdade de expressão, justificada por serem mencionadas em palavras bíblicas e transformada por práticas de violências contra meninas/mulheres/mulheridades. Daí ouvimos: "a gente não pode mais falar nada?"

Pode sim, pode discordar de uma mulher, sem atacá-la por ser mulher; pode criticar o feminismo enquanto movimento emancipatório, sem ofender moralmente as mulheres que lutam nesse movimento; pode ter visão conservadora sobre família, sem atacar quem vive fora desse modelo; pode emitir opinião religiosa, sem estereotipar os papéis sociais dado às mulheres por escritas patriarcais arcaicas; pode rir sem incitar piadas de ódio contra as mulheres. Misoginia não é só odiar todas as mulheres, mas sim ver as mulheres como pessoas de menor valor; misoginia não é tratar mal explicitamente todas as mulheres, mas sim ver as mulheres como servas domésticas, como objeto sexual, como uma simples máquina de gerar bebês.

Pesquisas apontam que o discurso "Red Pill" é responsável pelo aumento dos casos de feminicídio no Brasil. Os números dos feminicídios em 2025, foram alarmantes: 1.568 mulheres tiveram a vida ceifada; em 2024, a cada 6 minutos houve um estupro, essa é a realidade de ser mulher no Brasil. Afinal, quando questionamos o discurso "Red Pill" não estamos limitando a liberdade de expressão, pois ela nunca protegeu os discursos de ódio, nem no racismo, nem na transfobia e nem agora na misoginia.

Precisamos ampliar e aplicar efetivamente a palavra RESPEITO, pois quando inferimos às mulheres ela não se efetiva na prática cotidiana. Não é pedir demais para que se coíba a injúria e a ofensa à uma mulher por sua condição de gênero, pois incitar ódio por razões misóginas, mesmo em ambiente digital, longe da presença física é ofensa à dignidade humana.

Ser mulher não nos coloca em um degrau menor no que se refere aos direitos constitucionais e humanos. Não queremos somente a criminalização de mais um crime tipificado - de misoginia -, queremos o direito de viver em paz e isso vai além de ter aprovado um Projeto de Lei que tramita na Câmara Federal e que já foi aprovado no Senado. Enfim, na era "Red Pill", educar os meninos também é uma ato de prevenção às violências de gênero!

Até que ponto nós alimentamos o padrão de beleza?

por: Karine Rodrigues - jornalista e Mestra em Comunicação, Mídia e Cidadania
krodrigues4@gmail.com

x Há tempo quero escrever sobre este assunto, sobre como nós brasileiras alimentamos o padrão de beleza estabelecido, ^{ponto. Sabe-se lá por que, vemo-nos} por sabe lá quem, nos vemos apegadas e sofrendo por uma ruga, uma estria, uma celulite ou por qualquer outra característica humana. Não vou ser hipócrita e dizer que não me importo, porque me importo sim, e se tivesse grana já teria esticado meu pescoço. Mas, será isso o certo?

x Quero viver em paz com o espelho e me sentir bem comigo mesma, ^{virgula} ou só quero ser aceita? São muitas perguntas de respostas difíceis. E ainda assim, me questiono, como eu uma mulher, cisgênero, branca, embora tenha os cabelos encaracolados e alisados, com nariz e lábios finos, com quatro quilos acima do peso ideal, cravados pela minha bioimpedância, e “quase” dentro do padrão poderia argumentar sobre um tema que parece tão banal? Porque o “quase” me abre esta oportunidade.

Nem eu e nenhuma outra mulher nunca vamos estar dentro dos padrões de beleza. Primeiro porque é um objetivo inalcançável e segundo, por mais que se tenha dinheiro para se encaixar, existe um mercado e uma indústria bilionária que trabalha dia e noite para que nenhum ser humano chegue lá.

x E quando achamos que ele está mais elástico é só uma cortina de fumaça para nos distrair, o padrão está aí, na nossa cara. Hoje não temos mais as revistas mensais e semanais de fotos belíssimas e bem produzidas, que nos mostravam que éramos seres humanos comuns. Mas temos a internet, cujo intervalo de segundos nos expõe a um sem número de perfis de mulheres magras, de pele perfeita, sem poros dilatados, sem rugas, enfim, ^x que parece ser “toda natural e bonita pra caramba”.

x Mas não se engane, pouco ou nada daquilo é natural. A estética clean girl da garota que limpa, que precisa de pouca maquiagem porque a beleza vem de dentro, é só mais uma maneira repaginada de vender os produtos das influencers da vez. De tentar nos impor que se você é brasileira e carrega uma diversidade de cores, formatos e alegrias, ^x você não é clean, não é bonita e não será aceita.

x Eu só creio em uma coisa, a vida é curta demais, para não usar estampas, cores, um batom vermelho ao invés do gloss transparente ou levemente bege. E que estar magra, mesmo fazendo dietas de fome ou usar canetas emagrecedoras, não te deixam mais saudável, nem mais feliz e muito menos esperançosa, porque a felicidade imposta pode até gerar lucro, mas não gera saciedade de energia vital, de vigor e nem abundância.

x Cada ano que passa, eu observo mais que a vida bem ^{virgula} vivida dentro das possibilidades de cada um, é melhor e ^a mais cheia de liberdade. Nada vale mais do que estar feliz na própria pele. Não condeno que ^m faz procedimentos ^{ponto} estéticos, usa bege, preto e branco, ^{virgula} antes de tudo respeito a opinião e o gosto de cada um. O que me incomoda é a busca exagerada por alimentar um padrão e querer sempre estar dentro dele. Sei que é fácil para uma branca falar tudo isso. Mas antes de me colocar na caixa branca, sou LATINA, brasileira e adoro brilho, cor, carnaval, e o meu cabelo ^{está} liso, porque acho mais bonito e dá menos trabalho.



Rosas brancas florescem entre o desamor e o amor

por: Yasmim Moreli - discente da UFG.

Você lembra daquele dia dos namorados no campus, sol do meio dia e quarenta, aquele sol que a gente já conhece?

Eu era a única garota segurando um vaso de rosas, garota e garoto também não tinha nenhum, às vezes ainda me sinto meio garoto também, não sei.

Enfim, a única, esplêndida, reluzente, brilhante, andando por aí com seu vaso de rosas brancas, mais um dia comum na vida da fadinha.

A rosa já veio com um grande potencial, ela iria crescer, florir mais e mais... você sabia, sabia que só precisava cuidar, cuidou, replantou, podou, o galho que segura a pequena e delicada rosa branca, quebrou, e mesmo assim ela se abriu, maravilhosamente.

A cada poda foi deixando para trás galhos, folhas, espinhos, pétalas, olhou com amor para si mesma.

Escrevo lembrando que foi você quem me deu esse regalo; com seu desamor aprendi a amar, sei lá. Me entreguei na sua mão por um momento e você segurou, você segurou a minha mão, você me segurou em suas mãos, abraçou e depois disse não. Que pena então, ficou lá, no solo virou adubo, nutriente. Sol e água, ficou lá no solo, virou adubo.

Roseiras preveem locais abertos, o cultivo dentro de casa não fornece o que ela precisa para crescer, nascer e mostrar a sua beleza. Ela é exibida, tá? tirou espaço

Quer que todas vejam a sua beleza.

Arte como Redução de Danos: Caminhos de Cura e Ativismo no Combate à Violência contra as Mulheres

por: Geovanna de Castro -coordenadora do Bloco Coró Mulher, percussionista, educadora e mestra da Cultura Popular. E-mail: percussaocorodepau@gmail.com

A violência contra as mulheres é uma realidade persistente que atravessa corpos, territórios e histórias. Diante desse cenário, pensar em estratégias de redução de danos não é apenas necessário — é urgente. Reduzir danos significa acolher, escutar e criar caminhos possíveis de cuidado e reconstrução, mesmo em contextos adversos. As linguagens artísticas têm se mostrado ferramentas potentes nesse processo. A música, a dança, o teatro, a poesia e as artes visuais abrem espaços de expressão onde muitas vezes a palavra não alcança. Por meio da arte, mulheres encontram formas de narrar suas dores, ressignificar suas vivências e reconstruir sua autoestima. O fazer artístico coletivo fortalece vínculos, cria redes de apoio e rompe o isolamento que a violência costuma impor.

Nesse sentido, o ativismo — a junção entre arte e ativismo — surge como um caminho transformador. Ao mesmo tempo em que promove processos de cura individual e coletiva, também denuncia desigualdades e provoca reflexões sociais. O tambor, o canto e o corpo em movimento tomam-se instrumentos de resistência e afirmação da vida. A cultura popular, em especial, carrega saberes ancestrais que nos ensinam sobre comunidade, pertencimento e cuidado. Ao valorizar essas práticas, ampliamos as possibilidades de enfrentamento à violência, construindo estratégias que dialogam com a realidade das mulheres em seus territórios.

Falar em redução de danos no contexto da violência feminina é reconhecer que cada passo importa. A arte não substitui políticas públicas, mas pode caminhar junto a elas, fortalecendo subjetividades e abrindo caminhos de transformação.

Que possamos seguir criando, tocando, cantando e dançando — não apenas como expressão estética, mas como ato político, como gesto de cuidado e como construção de novos futuros possíveis.

CAROLINA

*por: Ingrid de Sousa Nunes é graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Goiás.
E-mail: ingridnunes@gmail.com*

Aos 16, sua escolha estava feita: casamento para materializar outra coisa, outra vida. Era sonho de construir família ganhando forma e som. Cercada por pessoas que ela não sabia se realmente a amava, guardava também incertezas sobre os próprios sentimentos. Além de cansada dessa tormenta ansiosa que se formava em seus pensamentos, e sem entender como a vida pode acontecer tão fora de nosso controle, Carolina foi em busca do amor e do amar. Na rua é sempre mais fácil. Pensou ter encontrado, quando ele te prometeu, quase que como um sussurro, esperança para a nova vida. Prometeu, mas não cumpriu. A vida, por sua vez, fez o movimento dos ponteiros do relógio, repetindo as horas os minutos. Botou Carolina para girar junto com ele e agora ela não é mais imã-mãe, mas esposa-mãe, aos 17. Repetia as horas e os minutos de sua mãe.

Virou, então, mãe de um menininho, magricelo, com uma cabeça desproporcional. A desproporção veio quando aos dois meses, desenvolveu alergia ao leite. Até Carolina desvendar a causa alérgica, visitou hospitais a fio. Muitas vezes contrariada pela negligência que sofria da família, do marido e dos médicos. Desesperada, pois não entendia como ela, que criou seus três irmãos não conseguia cuidar de seu filho. Filho este, que nasceu do seu desespero de ser amada. E com medo de a qualquer momento, ser mãe sem filho para cuidar. E para ela, a menos importante, a fome. Abdicava da possibilidade de mastigar para ter a possibilidade de ver o filho viver. Isso aos 17.

E esposa, esposa dele, marido ausente, pai ausente. Quando presente, violento, estúpido, bêbado e hostil. Foram anos procurando a grama verde em meio à aridez de sua vida, sem uma gota de esperança que pudesse regar seus sonhos. Pensava nela em outro momento da vida quando na beira do rio, no balanço do barco, fazia festa pra vida. Sorria para os seus amigos e os tinha segurando suas mãos. Não lembra mais o nome deles. Ou faz que esqueceu para a dor ser menos no peito. Sabia que tinham muitas coisas erradas, que não estava feliz. Ao observar sua vida, via vazios impossíveis de preencher dentro daquela casa, com aquele homem. Tinha uma dor que a atravessava que ultrapassava os limites de seu coração e a cegava da possibilidade de esperar uma liberdade para tomar decisões pela sua existência.

Lembrava da mãe por muito tempo. No tom de suas palavras, o choro aguava o ódio e o arrependimento antes mesmo que as lágrimas ousassem chegar aos seus olhos. Mas tampouco lhe dava razão. Não tinha como dar razão. Odiava como as palavras ditas com tanto fervor e ódio pairavam no ar, sobre sua existência. As lembranças de sua rotina faziam com que ela olhasse de outro ângulo a vida já vivida. "Mãe tirava os sapatos para entrar em casa descalça e todo dia eu tremia" falava enquanto explicava que sinal de casa realmente limpa é andar descalço e não sentir um grãozinho sequer de areia no chão. No fundo nem ela sabia se era saudade ou ódio por ter passado por isso tantas vezes, todos os dias. "Ela nunca me entendeu" pensava Carolina enquanto tentava digerir a vida, agora, hoje, com outro olhar, com outro medo.

Quando parecia que o suspiro ia acontecer, outra criança veio. Dessa vez sem alergia ao leite, mas com muita sensibilidade para a vida, os dois a tinha. Aos poucos, a vida de Carolina foi resumida a isso, a cuidar da casa, criar duas crianças e trabalhar para alimentar as bocas que colocou no mundo. Foram muitos anos inconsistentes, afogou-se na bebida para tentar ser gente que não sente. Sempre gostou de muitas coisas, mas assumiu outra versão sua, com menos acesso e mais amadurecimento. Sempre atacando antes de ser atacada. Não demorou muito para que seu marido achasse que outra mulher seria melhor que ela. Juntar as roupas em mala e migrar para outra família foi o que seu marido fez, sem pensar duas vezes.

Continua na próxima página...



Ela que no meio da miséria que já vivia, tinha agora de educar duas crianças para a vida, para o mundo sozinha. Mundo que a pegou e a massacrou. Não mais com 17, mas com apenas 21. Ela ficou, e sempre pensou por 3 disposta a tudo por ela e pelos filhos. Muitas vezes ousa achar que falhou pois insiste em colocar na balança algo que não pode ser medido. Bobagem sua. A vida não é medida certa. Mas outra vez insiste em repetir os ponteiros do relógio, dessa vez mais um filho. E outro marido, outro do mesmo.

Antes de sair ontem de sua casa, depois dela me repetir quão difícil foi estar sobre sua pele naquela época me deparei com seus olhos perto daqui, foi quando entendi, que as coisas de algum modo estão mudando em nossas vidas.

Mulheres beneficiárias do Bolsa Família e sua estigmatização

por: Aline Paulista de Oliveira - pedagoga especialista em Gestão e Políticas Públicas da Educação Profissional e Tecnológica-IFG.

Há aproximadamente um ano e meio, atuo na Política de Assistência Social, especificamente coordenando um Centro de Referência – CRAS, cujo trabalho é o acompanhamento das famílias beneficiárias dos programas sociais nos três níveis governamentais, tendo em vista que o CADASTRO ÚNICO é o principal banco de dados para a concessão desses benefícios e o carro-chefe é a tão questionada BOLSA FAMÍLIA.

Dentre as estatísticas apontadas pelo “CADÚNICO”, está o fato de mais de 80% dos beneficiários serem mulheres chefes de seus lares. Assim, temos que o BOLSA FAMÍLIA contempla vários fatores relacionados ao papel da mulher na sociedade. Aqui, a reflexão será em torno da percepção da imagem das mulheres beneficiárias e do fortalecimento de narrativas excludentes, machistas e de reforço da rivalidade feminina que esta estigmatização provoca.

É necessário frisar sobre a defesa ou não do programa, já que é um instrumento de discussão no atual contexto polarizado que vivemos. Lembremos que o BOLSA FAMÍLIA foi idealizado por um governo de esquerda, e tem sido um divisor de águas quando se trata das questões de igualdade social. O programa, de fato, promove condições à acessão social, o que é legítimo em quesitos que atravessam a interseccionalidade e os impactos nas Políticas Públicas Sociais, desmistificando a meritocracia e enaltecendo a equidade.

Porém, na vivência comunitária, a falácia de que o programa sustenta pessoas improdutivas, que não querem trabalhar e o discurso de ódio fomentado à classe que necessita do programa acarretam às mulheres em especial uma imagem cercada de julgamento, imposições e cerceamento de direitos que generaliza características voltadas a sua imagem no território.

Acompanhando os grupos de mulheres no CRAS, a legitimação de uma imagem da mulher que recebe o BOLSA FAMÍLIA perpassa desde a sobreposição de raça, biotipo, vestimentas, condições de higiene, membros constituintes da família e a quantidade de crianças que a acompanham. As narrativas em torno dessa imagem revelam a oscilação entre preconceitos e deturpação de valores relacionados a essa mulher. Relatos ouvidos nas rodas de conversa durante as orientações sociais são carregados de sensibilidade de um lugar de fala que traz o fechamento das portas do mercado de trabalho formal e a exposição a cargas exaustivas de trabalhos extras e cuidados, o medo da perda do benefício e o julgamento da sociedade em torno das opções que essas mulheres vão fazendo ou sendo submetidas na medida em que vão se tomando cada vez mais dependentes do benefício.

Assim, o estigma da “mulher negra, pobre, sem zelo e cheia de filhos” enraíza um ideal de população “vagabunda”, sem perspectiva e vontade de mudança. A exposição da permanência desse lugar consolida esse estereótipo entre mulheres, e os relatos são julgamentos de pessoas do mesmo sexo que fogem a esse estigma, dando lugar a falas de que o benefício é desnecessário às mulheres que, por vários fatores, fogem dos padrões acima apresentados.

Enfim, se as transformações sociais perpassam pela construção coletiva e se os coletivos femininos fazem a diferença na desconstrução do patriarcado, pensemos nas políticas sociais, em especial na efetivação do formato abordado nas Políticas de Assistência Social. Pensemos no enfrentamento e nos impactos das narrativas que permeiam a estigmatização do público-alvo dessa política, composto, em sua esmagadora maioria, por mulheres.

Estupro de Vulnerável

por: *Sônia Maria Alves da Costa é Advogada e Pesquisadora Colaboradora do NEPeM-UnB.*

x A compreensão de pessoa vulnerável se aplica à criança ou adolescente de até 14 anos ou pessoa que não possui o discernimento necessário para a prática ^à ^{ao} da violência sexual, conforme estabelece o Código Penal brasileiro (Lei 8.248/1940) e atualizações, ao estabelecer no capítulo dos crimes sexuais contra vulnerável, no Art. 217-A - (caput) - o estupro de vulnerável, nos seguintes termos: "Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos..." cuja sanção imposta é a "Pena - reclusão, de 10 (dez) a 18 (dezoito) anos, e multa." Ou ainda, no "§ 1º Incorre na mesma pena quem pratica as ações descritas no caput com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência.

Nesse mesmo sentido, recentemente aprovado, o "Estatuto da Criança e Adolescente Digital" - ECA Digital - (Lei 15.211/2025), com 41 artigos e que entrou em vigor em 17/03/2026, institui regras no ambiente digital, que inclui aplicativos, redes sociais, jogos e demais serviços ou produtos digitais e, no artigo 1º : "dispõe sobre a proteção de crianças e de adolescentes em ambientes digitais e aplica-se a todo produto ou serviço de tecnologia da informação direcionado a crianças e a adolescentes...". No Art. 6º , entre outros, fixa os crimes de "exploração e abuso sexual", que inclui desde "violência física, intimidação sistemática virtual e assédio..." se insere no escopo da violência sexual virtual, com o intuito de assegurar e ampliar o enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes no meio virtual.

Nesse sentido, convém lembrar dois casos recentes - mas não os únicos, infelizmente -, em que o poder judiciário a quem compete aplicar a lei, tem tomado decisões aviltantes e aqui pontuo duas: uma do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ-MG), relator Des. Magid Nuaef Láuar, que absolveu, por 2 votos a 1, um réu de 35 anos, por manter relações sexuais com uma menina de 12 anos, sob o fundamento do "vínculo afetivo consensual". E, também, no TJDF, outra decisão igualmente lesiva, inocentou um homem de 19 anos que engravidou uma adolescente de 13 anos no núcleo rural do DF, sob o fundamento de que "embora o DNA confirme a paternidade, não ficou demonstrado o estupro, já que o acusado não tinha conhecimento da idade real da vítima... e que a adolescente tinha 13 anos e 10 meses... idade próxima do limite etário...", ambos casos em absoluto ultrage à legislação brasileira.

Dessa forma, a proteção integral de vulnerável, é responsabilidade da família, da sociedade, do poder público no âmbito federal, distrital, federal e municipal e, especialmente, do sistema de justiça e da segurança pública, com vistas à erradicação de todas as formas de violência contra crianças, adolescentes e pessoas em situação de vulnerabilidade



CARTA ABERTA AO MUNDO

por: Ykay Romay, cubana, 2026.

x tirar aspas"À humanidade inteira, às mães do mundo, aos médicos sem fronteiras, aos jornalistas com dignidade, aos governos que ainda acreditam na justiça:

Meu nome é milhões. Não tenho apelidos conhecidos nem acusações importantes. Eu sou uma cubana comum. Uma filha, uma irmã, uma patriota. E eu escrevo isto com a alma rasgada e as mãos tremendo, porque o que meu povo vive hoje não é uma crise. É um assassinato lento, calculado e friamente executado a partir de Washington. E o mundo olha para o outro lado.

DENÚNCIA PELOS MEUS AVÓS:

Denuncio que em Cuba há idosos que morrem cedo porque o bloqueio impede que cheguem medicamentos para o coração, pressão, diabetes. Não é falta de recursos. É proibição deliberada. Empresas que querem vender a Cuba são multadas, perseguidas, ameaçadas. Seus governos estão calados. E enquanto isso, um avô cubano aperta o peito e espera. A morte não avisa. O bloqueio sim.

DENÚNCIA PELOS MEUS FILHOS:

x Denuncio que há incubadoras em Cuba que devem ter sido desligadas por falta de combustível. Que há recém-nascidos lutando pela sua vida enquanto o governo dos EUA decide quais países podem nos vender petróleo e quais não podem. Que há mães cubanas que viram a vida dos seus filhos serem ameaçadas porque uma ordem assinada em um escritório de Washington vale mais do que o choro de um bebê a 90 milhas da sua costa. Onde está a comunidade internacional? Onde estão as organizações que tanto defendem a infância? Ou as crianças cubanas não merecem viver?

DENUNCIA POR FOME INTENCIONAL:

Eu denuncio que o bloqueio é fome programada. Não é que falte comida só porque sim. É que eles nos impedem de comprá-la. É que navios com comida são perseguidos. As transações bancárias são bloqueadas. É que as empresas que nos vendem grãos, frango, leite são sancionadas.

A fome em Cuba não é um acidente. É uma política de Estado do governo dos EUA, refinada por 60 anos, atualizada por cada administração, recrudescida por Donald Trump e executada com sanha por Marco Rubio.

x Eles chamam a isto "pressão econômica". Eu chamo de terrorismo com fome.

DENÚNCIA PELOS MEUS MÉDICOS:

x Denuncio que nossos médicos, os mesmos que salvaram vidas na pandemia enquanto o mundo inteiro desmoronou, hoje não tem seringas, nem anestesia, nem equipamento de raio-X. Não porque não saibamos produzir-los. Não porque não tenhamos talento. Mas porque o bloqueio nos impede de acessar insumos, peças, tecnologia. Nossos cientistas criaram cinco vacinas contra a COVID-19. Cinco. Sem ajuda de ninguém. Contra vento e maré. Contra bloqueio e mentiras. E ainda assim, o império nos castiga por termos conseguido.

AO MUNDO EU DIGO:

Cuba não lhes pede esmola.

Cuba não lhes pede soldados.

Cuba não lhes pede que nos amem.

Cuba pede justiça. Nada mais. Nada menos.

Continua na próxima página...



Peço que parem de normalizar o sofrimento do meu povo.
Peço que chamem o bloqueio pelo nome: CRIME DE LESA HUMANIDADE.
Peço-lhes que não se deixem enganar pelo conto do "diálogo" e da "democracia" enquanto nos apertam o pescoço.

x não

No queremos caridade. Queremos que nos DEIXEM VIVER.

Aos governos cúmplices que se calam:

A história vai dar-lhes conta.

Para a mídia que mente:

A verdade sempre encontra fendas.

Aos carrascos que assinam sanções:

O povo cubano não esquece e não perdoa.

Aos que ainda tem humanidade no peito:

x

Olhem para Cuba. Vejam o que l~~he~~ estão a fazer. E pergunte a si mesmo: De que lado da história eu quero estar?

Desta pequena ilha, com uma cidade gigante,

Uma cubana a pé que se recusa a render.

SE ESTE TEXTO TE MOVIMENTOU POR DENTRO, COMPARTILHE.

Não me importo se você tem 10 amigos ou 10 mil seguidores.

Não me importo se o seu muro é público ou privado.

Não me importo se você nunca compartilha nada.

Mas isto é diferente.

Isto não é uma foto de um pôr do sol.

Isto não é uma notícia de espectáculo.

Isto não é mais uma opinião.

Isso é um GRITO. E os gritos não se guardam. OUVINDO. Eles se REPLICAM. TORNAM-SE MULTIDÃO

Não estou pedindo um curtida hoje. Peço-te que uses os teus polegares para algo maior do que deslocar a tela.

COMPARTILHE.

Para que o mundo saiba que em Cuba não há crise.

Há um CRIME.

Para que as mães de outros países saibam que aqui tem bebês lutando em incubadoras apagadas pelo bloqueio.

x avôs

Para que os avós de outras terras saibam que aqui há idosos que morrem esperando medicamentos que Washington não deixa entrar.

Para que os governos cúmplices sintam vergonha.

Para que a mídia mentirosa não tenha como fugir.

Para que os carrascos saibam que NÃO NOS CALAMOS.

Uma pessoa compartilhando isso não muda o mundo.

Milhares, milhões, SIM.

Não fique com este texto salvo.

Não seja cúmplice do silêncio.

FAÇA ESSA DENÚNCIA IR MAIS LONGE QUE O BLOQUEIO.



Consentimento

por: *Tatianna Dias do Amaral* - Pós-graduada em Docência no Ensino Superior
tatianna.amaral@gmail.com

Oi amiga, tudo bem?
Preciso compartilhar com você
O que aconteceu comigo
Eu conheci um cara numa balada
Convidei ele para minha casa
E o que era para ser uma diversão
Virou um pesadelo
Ele me machucou física e emocionalmente
Eu pedia para ele parar porque estava doendo
Mas ele não parava
Tive medo do que ele poderia fazer se eu gritasse
Ou pedisse ajuda
Fiquei paralisada
Me senti fora do meu corpo
Antes de ir embora ele disse que não fazia amor
Que era um espancador de mulheres
Estou com medo de tudo
Ele partiu minha alma
O que eu faço, amiga?

**COLETIVA
FEMINISTA
GSEX**



acompanhe nossas redes

  @coletivagsex



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

